

mente a brasileira, só pode contar com o serviço telegráfico, intenso e extenso, em virtude da imprensa norte-americana sustentar aquelas grandes organizações, para suprir a própria necessidade. E porque para os jornais norte-americanos existem *Associated*, *United*, *Internacional News Service* e outras organizações, é que nós podemos, na América do Sul também ter o mesmo serviço e de idêntica qualidade. Ele é pago pela imprensa norte-americana. Aquilo com que podemos concorrer para o custeio, a nossa contribuição, não compensaria o serviço, não corresponderia ao valor da transmissão. Recebem-se, no Brasil, no momento, mais de 50 000 palavras diárias e, de acordo com as taxas telegráficas, não estaríamos em condições de atender ao elevado encargo que isso representa. Se temos, pois, o serviço mais acessível ainda é porque, também para servir aos jornais norte-americanos, existe nos Estados Unidos a *Press Wireless*, cooperativa de jornais para transmissão pelo rádio, que realiza, por preço insignificante, o serviço de tráfego sem fio das agências noticiosas⁽³⁴⁴⁾. Não é inteiramente exata a conclusão do jornalista que coloca o serviço da *Associated Press* e da *United Press* — que adotou a sigla UPI depois que incorporou o *International News Service* — como favor feito à imprensa latino-americana. Esse serviço tem pequeno preço, relativamente, em moeda, embora pago em dólares, mas tem preço altíssimo, em valores não redutíveis a moeda: o controle da informação internacional fornecida à nossa imprensa. Seria possível, entre nós, certamente, a existência de organização nacional para coleta e distribuição de notícias do exterior — para esse fim, operando no interior, já temos tais organizações — desde que coubesse ao Estado a maior parte dos encargos, despesas e, portanto, a parcela de influência que disso decorreria, e essa solução a nossa grande imprensa não aceita: prefere depender de organizações estrangeiras do que de uma organização nacional de que participe o Estado⁽³⁴⁵⁾. A tentativa iniciada, para isso, no governo Jânio Quadros, foi convenientemente arquivada.

É evidente que, dentro de certos limites, os jornais são aqui controlados pelos seus proprietários; como se contam pelos dedos os grandes jor-

(344) Nóbrega da Cunha: op. cit., pág. 17.

(345) Fernando Segismundo mostra como, às vezes, a grande imprensa sofre e protesta contra esse controle da informação: "Ainda recentemente, clamando contra a sonegação de notícias e a falta de objetividade por parte das agências telegráficas, eram a *Associated Press*, a *United Press* e a *France Press* denunciadas pelo *Jornal do Brasil*. Ao passo que pronunciamentos contrários a Cuba vinham narrados na íntegra, por aquelas agências, notícias referentes ao futuro da ONU, ao movimento sindical africano e aos esforços de paz desenvolvidos no Vietnã do Sul eram totalmente omitidos. Terminava o *Jornal do Brasil* pedindo providências, a fim de que os povos não percam de todo, a confiança nos órgãos de informação pública". (Fernando Segismundo: op. cit., pág. 10).